

## Viagem e temáticas ambientais em visões da Patagónia de Luis Sepúlveda e Mempo Giardinelli\*

Maria de Fátima Outeirinho

Universidade do Porto

[outeirinho@letras.up.pt](mailto:outeirinho@letras.up.pt)

*(...) la Patagonia es un inmenso territorio binacional, compartido por la Argentina y por Chile, dos países mucho más hermanos que lo que ciertos chovinismos han pretendido, y hermandad que deviene algo muy simple: los indígenas que poblaron las márgenes de los dos océanos, los que por siglos y milenios vivieron a ambos lados de la cordillera de los Andes, jamás reconocieron otra nación que la propia, ni más fronteras que las montañas, el mar, el frío o el viento.*

Mempo Giardinelli

Espaço de fim de mundo, vasto, inóspito, temido, mas com frequência procurado e desejado, partilhado pelo Chile e pela Argentina, a Patagónia apresenta-se como objecto do olhar de inúmeros narradores-viajantes que sobre ele têm produzido um conjunto de reflexões e juízos em torno da acção e/ou agressão humanas de marcas bem visíveis. Também Luis Sepúlveda e Mempo Giardinelli não se eximem a um discurso de contornos ambientalistas em torno desse espaço patagónico.

A escolha dos dois autores para objecto da presente reflexão prende-se com o facto de ambos estabelecerem uma relação próxima com a Patagónia, desde logo pela respectiva inscrição nacional, Luis Sepúlveda é chileno e Mempo Giardinelli é argentino, depois ainda pelo facto dessa relação decorrer de experiências e reflexões viáticas para, de e sobre a Patagónia, em obras como *Patagónia Express. Apontamentos de viagem* (1996) e *Final de Novela en Patagonia* (2000), textos que não se estribam num mero relato de uma viagem efectivamente acontecida, mas apelam para viagens outras – viagem interior, viagem num e dum percurso criativo. Acresce ainda uma razão de importância não menor: trata-se de dois escritores contemporâneos de alguma forma

pertencentes a uma mesma geração latino-americana que vivenciou regimes ditatoriais com consequências nos seus percursos pessoais – nomeadamente o exílio - e que apresentam uma consciência cívica e política que os faz dar voz ao que e aos que não têm voz. O reconhecimento de afinidades é de resto lembrado por Mempo Giardinelli quando afirma sobre o escritor chileno, “Luis es uno de mis hermanos literarios” (Giardinelli, 2006:54).<sup>1</sup>

Se Luis Sepúlveda é um autor bastante conhecido do público leitor português, com inúmeros títulos traduzidos e reeditados, presença frequente nos encontros *Correntes d’Escrita*,<sup>2</sup> já o argentino Mempo Giardinelli, autor de romances, contos e ensaios, quase não tem obra traduzida em português, à excepção de alguma ficção narrativa: um conto que integra a antologia *Histórias do Mar*, textos de autores ibero-americanos em torno da temática marinha, e duas traduções de *Luna Caliente*, uma das quais lançada na 4ª edição de *Correntes d’Escrita*, em 2003. Mempo Giardinelli já esteve duas vezes em Portugal para participar em *Correntes d’Escrita* e, muito recentemente, em Abril de 2008, no 3º encontro *Literatura em Viagem*.

Tanto Luis Sepúlveda como Mempo Giardinelli revelam, nos textos relativos às suas incursões na Patagónia, um conjunto de traços que de alguma forma permitem estabelecer pontes com a denominada literatura ambiental, na medida em que o meio ambiente não surge como mero cenário para as figuras que o percorrem, antes é dotado, com frequência, de protagonismo, dando a todo o momento conta das imbricadas relações entre história humana e história natural, partilhando preocupações de natureza ética relativamente aos contributos humanos no que toca ao ambiente, tomando em consideração os interesses não apenas dos homens, mas também desse mesmo espaço físico em que se encontram.

---

\*Este artigo foi elaborado no âmbito do Projecto "Interidentidades" do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, integrada no Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).

<sup>1</sup> Mempo Giardinelli tem o cuidado de informar o leitor de que procurou despojar-se de leituras e de informações sobre a Patagónia e, por esse motivo, não releu Chatwin nem recorreu a Sepúlveda, afirmando todavia: “De todos modos, Luis me acompañaba. Desde *Un viejo que leía novelas de amor* y *Mundo del fin del mundo*, no hay viaje que no me lo haga presente” (Giardinelli, 2006:55).

<sup>2</sup> Trata-se encontros que se realizam anualmente na Póvoa de Varzim.

Assim, na presente comunicação, tratar-se-á de abordar um conjunto de ocorrências de toada ambiental, em textos fortemente ancorados na viagem, no âmbito de uma reflexão potenciada pela Ecocrítica, área de estudos “[qui] permet de saisir, d’analyser et de comprendre les différentes modalités d’interaction des humains avec leur habitat” (Élise Salaün).

Esta perspectiva de abordagem do literário, e que autoriza pensar o papel da literatura nas questões ambientais, confere centralidade ao meio ambiente e chama de novo a atenção para o facto de, a tantas vezes sublinhada dicotomia natureza/ cultura, se apresentar como problemática já que a cultura humana está ligada a um mundo físico onde relações biunívocas de intercondicionamento têm lugar. Como se refere em *The Ecocriticism Reader*, “ (...) all ecological criticism shares the fundamental premise that human culture is connected to the physical world, affecting it and affected by it. Ecocriticism takes as its subject the interconnections between nature and culture” (Glotfelty and Fromm, 1996).

Na verdade, se partirmos de todo um conjunto de definições mais ou menos elaboradas e até vulgarizadas como o “meio ambiente é o conjunto de forças e condições que cercam e influenciam os seres vivos e as coisas em geral” (*Wikipédia*)<sup>3</sup> ou a disponibilizada pelo observatório da NASA, em que se define meio ambiente enquanto “The complex of physical, chemical, and biological factors in which a living organism or community exists” (NASA), vemo-nos perante um espaço profundamente plural, dinâmico, mutável, aquém e além de formas mentais binárias.

Apesar da impossibilidade de categorização genológica de sinal único quer de *Patagônia Express* quer de *Final de Novela en Patagonia*, ambas as obras se constroem em torno de deslocações: na memória, na criação literária, num espaço geográfico e cultural. A deslocação, a viagem, erguem-se como eixos centrais, elementos seminais no imbricamento de diferentes narrativas que se sucedem ou entrecruzam. Não se apresentando como meros relatos de viagens acontecidas, as obras de Luis Sepúlveda e Mempo Giardinelli combinam porém, com pesos diversos é certo, marcas de ocorrência

---

<sup>3</sup>Optámos pela escolha da definição posta em circulação pela *Wikipédia*, apesar das reticências que devem ser colocadas à fiabilidade e exactidão dos seus conteúdos, já que, actualmente, funciona como meio não despidendo de difusão e vulgarização de informação.

frequente nas narrativas de viagens de matriz oitocentista: a existência de um filão autobiográfico, a alternância constante entre descrição e narração, a inscrição de notas de pendor histórico e/ou geográfico que servem sobretudo um leitor menos familiarizado com o espaço percorrido; no caso particular de Sepúlveda, a constante sucessão de curtas narrativas com personagens protagonistas de histórias que inscrevem na obra a aventura, o fantástico, ou o sentimental, quase conseguindo o exclusivo da nossa atenção, com um narrador-viajante a roçar a ocultação; no caso de Giardinelli, a marcada presença de um narrador de primeira pessoa que a todo o momento coloca em foco o relato de uma dupla viagem: relato do itinerário feito na Patagónia, viagem efectiva protagonizada pelo “trio” formado por Mempo Giardinelli, Fernando Operé e Coloradito Pérez, um Ford Fiesta vermelho, e do relato do itinerário de escrita da história de Victorio e Clelia que o escritor vai construindo à medida que a viagem prossegue,<sup>4</sup> esta mesma viagem ficcional protagonizada pelo par de personagens do romance *in fieri*.

No entanto, a contaminação genológica, ou o vaivém entre géneros, identificada nestes textos, não deixa de permitir a sua abordagem enquanto textos de viagem que também são, marcados por um eu, de olhar singular sobre o mundo, uma voz pessoal a valorizar um discurso analítico, judicativo sobre o observado, discurso legitimado pela poética do género, podendo assim acolher também um discurso político em torno de uma escrita sobre o meio ambiente. Para o viajante, todo a matéria observada pode ser ocasião para a produção de discurso e *Patagónia Express*,<sup>5</sup> bem como *Final de Novela en Patagonia* não constituem excepção.

Pensar temáticas ambientais em textos de viagem resulta ainda mais importante quanto na narrativa de viagem o espaço tem um papel vital: as diferentes representações de objectos vários decorrem da experiência viática do espaço percorrido e da sua partilha com um leitor, entidade tão acarinhada, por vezes de protagonismo não negligenciável em termos intratextuais. Ora o discurso que se estabelece em relação a um espaço dado funciona como filtro para o olhar do leitor sobre esse espaço e mesmo para o modo como o leitor vai adquirir um sentido do espaço. Como lembra Ttiu Speek

---

<sup>4</sup> No segundo capítulo, de *Final de Novela en Patagonia*, apresentam-se os protagonistas e do automóvel se diz ser “El tercer protagonista” (Giardinelli, 2006: 25).

<sup>5</sup> Mais particularmente a parte da obra relativa à incursão na Patagónia.

apoioando-se em Lawrence Buell “ (...) our reported contacts with our surroundings are always culturally mediated, intersocially and intertextually constructed; but they are also responses to nature, and environment is one of the variables that influences culture, text, and personality” (Speek). Sepúlveda e Giardinelli, nas obras em apreço, afiguram-se pois como bons exemplos deste tipo de problemáticas.

No que toca a Luis Sepúlveda e como lembra Juan Gabriel Araya, a sua escrita manifesta o “carácter ético que asume su autor ante el mundo” (Araya, 2002). E observa ainda: “Sepúlveda plantea nuevas estructuras, interesantes perspectivas y puntos de vista en relación con la dicotomía hombre-paisaje; conservación de la especie vegetal versus exterminio irresponsable; civilización ‘bárbara’ y barbarie ‘civilizada’; marginalidad del sujeto protagónico y periférico e itinerancia del mismo” (*ibidem*). O próprio escritor, em entrevista de 2002 dada à revista *Punto Final*,<sup>6</sup> por ocasião do *Encuentro de Narrativa Policial Latinoamericana* no Chile, afirmava: “Entonces, quienes gozamos de una tribuna internacional, como es el caso de algunos escritores, entre los que me cuento, debemos ponernos al lado de la gente que no tiene la posibilidad de ser escuchada. Es una cuestión de simple decencia. Pienso que la literatura siempre ha tenido una importancia social muy grande” (Sepúlveda, 2002).

“Apontamentos de uma viagem de regresso”, parte da obra que nos fala da Patagónia, da ida ao fim de mundo em expressão já tão vulgarizada, é ocasião para se dar voz a toda uma paisagem humana sem voz, é ocasião igualmente para a inscrição na narrativa de notas ambientalistas. Embora de modo pouco incisivo e extremamente breve, as micronarrativas acolhem momentos de denúncia, sobre as mutações infligidas pelo homem a este espaço vasto, agreste, mas belo. Assim, chegado a Los Antiguos para uma visita à cabana dos já lendários Butch Cassidy e Sundance Kid, fugitivos e aventureiros norte-americanos que, como lembra com humor o narrador, “dedicaram grande parte da sua vida ao negócio bancário” (Sepúlveda, 2001:73), o narrador-viajante, ao apresentar o seu cicerone na visita a um espaço lendário, aproveita para dizer:

---

<sup>6</sup>A publicação da entrevista é antecedida por uma brevíssima apresentação na qual se sublinha a dimensão de comprometimento com o social na escrita de Sepúlveda: “El Encuentro de Narrativa Policial Latinoamericana, organizado por la Corporación Letras de Chile en nuestro país contó con la presencia de Luis Sepúlveda, que se encuentra entre los escritores chilenos de mayor renombre en Europa y Latinoamérica, respaldado por una obra donde se mezcla la ficción, el sentido social y un fuerte sentimiento de denuncia y búsqueda de justicia para los pueblos del mundo”.

Pablo Casorla é um engenheiro florestal que vive e trabalha em Los Antiguos com a intenção de realizar um cadastro da riqueza florestal que ainda existe. Sonha com uma reserva de floresta protegida pela Unesco, algo assim como um verde património da humanidade que permita que as futuras gerações sonhem como era aquela região antes da chegada do duvidoso progresso (*idem*: 94).

Em poucas linhas, informa-se então o leitor de que cerca de trezentos milhares de hectares de florestas foram queimados para dar lugar a pradarias com vista à criação de gado: “Los Antiguos é uma pequena cidade fronteiriça situada na margem sul do lago Buenos Aires, na parte argentina da Patagónia. As suaves encostas do monte que bordejam o lago apresentam dolorosos testemunhos de uma grandeza que hoje já não é senão uma lembrança” (*ibidem*).

A história de Panchito Barria, o menino triste e insociável que um golfinho consegue transformar pela relação diária que com ele mantém, mas que morrerá de tristeza quando o golfinho falta ao costumado encontro, é ocasião de denúncia dos barcos-fábrica a sulcar as águas do estreito de Magalhães, barcos “assassinos” que foram dizimando a fauna marítima da região: “Certa manhã do Verão de 1990 o golfinho faltou ao encontro diário. Alarmados, os pescadores procuraram-no de ponta a ponta. Não encontraram, mas tropeçaram num barco-fábrica russo, um dos assassinos do mar, navegando muito perto da segunda angustura do estreito” (*idem*:102). Uso similar de narrativas curtas, para veicular notas ambientalistas, encontramos-lo na história de Carlitos Carpintero, na verdade Klaus Kucimavic, físico genial fugido a um passado ao lado dos alemães, durante a Segunda Guerra Mundial:

Carlitos Carpintero. Em 1988, em Estocolmo, uma organização que propõe e outorga prémios Nobel alternativos decidiu galardoar um misterioso professor chamado Klaus Kucimavic com o Prémio Nobel Alternativo de Física. O tal professor Kucimavic escrevera em 1980 longas cartas a várias universidades da Europa comunicando que, segundo os seus estudos realizados na Patagónia, estava a abrir-se um perigoso buraco na camada de ozono que protege a atmosfera (*idem*:124-125).

E quando o jornalista, o narrador-viajante, descobre Kucimavic na Patagónia, a atitude de Carlitos Carpintero é a seguinte: “- Diga a esses tipos que antes de dar prémios detenham a poluição atmosférica. Os prémios são para as rainhas de beleza –

assinalou indignado” (*idem*:126). Lembremos ainda um outro momento quando se conta a história do capitão Palacios, o piloto Carlos que após ter sido obrigado a transportar um morto cria a *Aerofunerarias Australes* e com quem o narrador fará amizade, ocasião para, num brevíssimo *flash*, se rememorar uma experiência conjunta durante a qual o narrador diz ter feito “uma série de reportagens sobre a criminosa devastação do universo verde” (*idem*:136).<sup>7</sup>

Estas breves notas reveladoras de preocupações ambientais que uma adjectivação simples mas inequívoca ajuda a traçar, não por acaso são integradas em histórias que apontam para um protagonismo do espaço e das gentes que o ocupam, com personagens que vivem num mundo à margem, próximo de uma paisagem natural distante da civilização.

Também *Mundo do fim do Mundo*, obra assente num espaço patagónico, trabalha preocupações ecológicas anunciadas desde logo nas dedicatórias: “Aos meus amigos chilenos e argentinos que defendem a preservação da Patagónia e da Terra do Fogo” ou “Aos tripulantes do novo *Rainbow Warrior*, navio-insígnia da Greenpeace” (Sepúlveda, 1999); dedicatórias com prolongamentos em narrativas de acções e preocupações ambientais dessa organização não-governamental. Ou como não lembrar o texto, para uma faixa etária mais nova, *História de uma Gaivota e do Gato que a ensinou a voar*, em que uma gaivota é vítima de uma maré negra, fábula ecológica e social que contribui para a denúncia dos perigos actuais da poluição?

Também *Final de Novela en Patagonia* de Mempo Giardinelli é atravessada por um olhar atento, preocupado com o meio ambiente. Porém, as notas de temática ambiental são mais frequentes, mais longas, mais veementes e inscrevem-se não em momentos narrativos em torno de histórias sobre figuras humanas com as quais o narrador se cruza, mas dentro do relato da viagem acontecida, exactamente quando o viajante pausa o seu olhar sobre mais uma etapa do itinerário e a descreve.

---

<sup>7</sup> Cf. “O senhor também tem a Amazónia dentro de si e não pode viver sem ela. Quando se trata de foder os filhos da puta que a destroem, já sabe onde me pode encontrar” (Sepúlveda, 2001:137).

Quando o viajante chega a Sierra Grande, apodada ironicamente de “Nuestra Comala Patagónica”, não pode deixar de fazer um registo cru e irado do resultado da exploração mineira do espaço:

Es que lo que fue el más importante proyecto minero de la Argentina (Sierra Grande llegó a tener casi 10.000 habitantes y tuvo un crecimiento explosivo) ahora es menos que un pueblo en decadencia. Por lo visto algunos intentaron aprovechar los socavones y las abandonadas instalaciones industriales para “reconvertir” al pueblo en un centroturístico. Misión imposible: la globalización y el ajuste no perdonan. (...) Con Fernando caminamos, sobrecogidos e impresionados, como quien camina por un cementerio lleno de muertos vivos. Siento dolor pero sobre todo siento rabia una profunda rabia que hace mucho tiempo no sentía. (Giardinelli, 2006: 60)

Lembremos igualmente a passagem em que Giardinelli fala da população humana da Patagónia, população de cariz multicultural, atentando particularmente nas etnias indígenas e comentando:

Casi siempre se los ve sumidos en condiciones de pobreza o abandono, encargados de las tareas peor remuneradas o dedicados directamente a la mendicación. (...) La situación en que se encuentran los indígenas patagónicos – como los de toda la Argentina, hay que confesarlo con vergüenza – es que han sido ellos, en tanto primeros pobladores y naturales habitantes de estas tierras, los principales perjudicados por la llamada ‘civilización’. (*idem*: 84-85)

A atenção às belezas naturais que a todo o momento são lembradas não impedem o olhar crítico, denunciador das assimetrias, das erosões humanas provocadas na paisagem, das fragilidades resultantes num tratamento descuidado e apressado do meio ambiente. As referências a lixeiras a céu aberto, junto às povoações, surgirá, a espaços, ao longo de toda a obra, observando o autor que tal facto parece ser um traço partilhado por todo o espaço patagónico:

Al cabo de una hora, se llega a una ciudad típicamente santacruceña: Caleta Olivia. De simpático nombre, que evoca a pioneros y a petróleo, es un pueblo chato y con una ría casi deshabitada, que consta de una larga avenida central con negocios de todo tipo, varios hoteles y la sensación de que casi toda la gente está de paso(...) Quizá por eso hay tanta suciedad en las calles, esa desdichada característica de casi todas las ciudades patagónicas (...) Y uno no deja de preguntar-se, con fastidio, qué tendrán en la cabeza los intendentes



patagónicos que instalan basurales expuestos al viento y son incapaces de poner en marcha sistemas de aprovechamiento de residuos. (*idem*: 108)<sup>8</sup>

A aproximação aos glaciares, espaço turístico em expansão (como o Perito Moreno) leva a transformações rápidas na paisagem. O contacto com a povoação El Calafate é então ocasião para observar: “Entrando a El Calafate, y ya la vista del lago Argentino, lo que impresiona es el crecimiento. Ésta debe ser una de las pocas regiones en expansión de la Argentina: hay una verdadera explosión comercial, inmobiliaria y turística. El pueblecito, es evidente, se está convirtiendo en ciudad” (*idem*: 144).

Contudo, tal desenvolvimento não resolveu ainda problemas com a luz eléctrica, com o abastecimento de água, com o aproveitamento do petróleo e do gás, matérias-primas que abundam no território e que não estão disponíveis devido aos interesses instalados e denunciados pelos ecologistas (*idem*:145). Giardinelli não resiste então a colocar um conjunto de questões vitais:

El furor edilicio no se detiene. Es verdad que ningún desarrollo urbano veloz es ordenado, pero aquí es palpable la imprevisión. ¿Tiene cloacas el pueblo? ¿Se están preparando para la ciudad internacional que pretenden ser y seguramente van a ser? ¿Hay reglas claras para que la llegada de grandes hoteles no quiebre el carácter montañoso y patagónico de El Calafate? ¿Se tiene previsto que no se modifique el paisaje ni se polucionen – más – las aguas del lago Argentino? ¿Como resolverán el problema de la basura, que aquí también es impresionante y uno de los motivos de mayor fealdad? (*idem*:146)<sup>9</sup>

Os exemplos compulsados são pois claros quanto às temáticas ambientais que atravessam quer o texto de Luis Sepúlveda *Patagônia Express* quer o texto *Final de Novela en Patagonia* de Mempo Giardinelli. As memórias, as descrições, as denúncias, os alertas relativos ao meio ambiente vivido e projectado em espaço patagónico, não podem deixar de ser pensados num quadro mais alargado, o do envolvimento social dos seus autores, servindo o texto de viagem como veículo dúctil para uma acção de comentário em torno do observado. Se considerarmos ainda a relação de proximidade com o leitor que o texto de viagem cultiva, de um modo mais discreto ou de um modo

---

<sup>8</sup> Cf Rio Gallegos (Giardinelli, 2006: 138).

<sup>9</sup> Cf. “Iso mismo hace temer la llegada del turismo masivo, que modificará el medio ambiente y exigirá previsión y mucho celo en el control” (*idem*:153).

mais óbvio, com ou sem objectivos de agir sobre o outro que lê, poderemos reconhecer um possível contributo, das representações do meio ambiente construídas e difundidas pela literatura, para um comportamento específico de sinal vário individual ou colectivo, da sociedade com o seu espaço territorial.

**Bibliografia:**

“A la concertación le faltó coraje” [entrevista dada em 2002 a Alejandro Lavquen], <http://www.letras.s5.com/sepulveda220802.htm> (disponível em 20 de Outubro de 2008).

ARAYA, Juan Gabriel G., 2002, “Luis Sepúlveda. Un escritor de fin de siglo”, <http://www2.cyberhumanitatis.uchile.cl/13/tx20.html> (disponível em 19 de Outubro de 2008).

“Environment”, [earthobservatory.nasa.gov/Library/glossary.php3](http://earthobservatory.nasa.gov/Library/glossary.php3) (disponível em 20 de Outubro de 2008).

Giardinelli, Mempo (2006), *Final de Novela en Patagonia*, Buenos Aires, Ediciones Byblos.

Glotfelty, Cheryl and Harold Fromm (ed.) (1996), *The Ecocriticism Reader*, University of Georgia Press.

“Meio ambiente”, [http://pt.wikipedia.org/wiki/Meio\\_ambiente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meio_ambiente) (disponível em 20 de Outubro de 2008).

Salaün, Élise (s.d.), “Qu’est-ce que l’écocritique?”, <http://ecocritique.ca/index.html> (disponível em 20 de Outubro de 2008).

Sepúlveda, Luis (2001), *Patagónia Express. Apontamentos de Viagem*, Porto, Edições Asa..

Speek, Tiiu (s.d.) “Environment in literature: Lawrence Buell’s ecocritical perspective”, [http://www.eki.ee/km/place/pdf-s/KP1\\_18speek.pdf](http://www.eki.ee/km/place/pdf-s/KP1_18speek.pdf) (disponível em 20 de Outubro de 2008).

.